EDITORIAL

O ano era 1979, e eu cursava Agronomia na UFRGS. Assistia horas e horas de transparências sobre resultados de pesquisas com pastagens. O efeito da adubação tal, a comparação da espécie tal, o ganho por animal, o ganho por área, o "pastejo", o "put and take", etc. E nada daquilo me fazia o menor sentido. Aliás, o que mais me intrigava era de onde take o gado na hora de put, e onde put o gado na hora de take... Quando se perguntava sobre "Voisin", a resposta era uma ironia, um desaforo ou uma desqualificada no aluno que ousasse perguntar – e esse aluno quase sempre era eu. Esse era o ambiente acadêmico e da sociedade quando o Pastoreio Racional Voisin (PRV) começou a tomar corpo no Brasil. Nascido no "Le Talou", na Normandia com André Voisin nos anos 50, e trazido através das magníficas experiências do Engº Agrônomo Nilo Romero com o Projeto Conquista e do Professor Luiz Carlos Pinheiro Machado com o Projeto Alegria, em 1964, o PRV teve grande impulso nos anos 80.

Na época em que se encerrava um período de trevas, nascia na Universidade Federal de Santa Catarina um curso de Agronomia com ares de novidade. Desde o início aberto às inovações e à pluralidade de idéias, o Centro de Ciências Agrárias (CCA) abrigou professores com idéias de transformação, com idéias referenciadas no ser humano e sua qualidade de vida como valor maior. Devido a abertura de idéias e visão de progresso de pelo menos dois diretores da época, Professor Glauco Olinger e Professor José Antônio Ribas Ribeiro, o CCA abriu suas portas para professores jovens e cheios de novas idéias e questionamentos sobre o modelo de agricultura que então se implantava com toda força no pais – a "Revolução Verde". Foi assim que o professor Mário Luiz Vincenzi ingressou na UFSC, e logo depois o recém anistiado professor Luiz Carlos Pinheiro Machado. E foi assim que, desde o final dos 70, o manejo de pastagens com referencial agroecológico, e as teorias de André Voisin, quer dizer o Pastoreio Racional Voisin, tem sido ensinado, investigado e fomentado pela UFSC. O Núcleo de PRV e o Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural tem muito orgulho desse pioneirismo.

Como toda semente que é boa, o PRV deu frutos. Muitos outros profissionais, saídos da UFSC e mesmo de outras Universidades, tiveram contato com essa proposta de manejo do complexo solo-planta-animal, e também deram sua

fundamental contribuição à divulgação e experimentação do PRV. Também produtores, interessados em estudar e encontrar solução para os extremos de uma pecuária extensiva improdutiva e o confinamento com seus altos custos de produção e suas mazelas ambientais, sociais e de bem-estar, começaram a experimentar o PRV.

Embora possamos pensar que foi no Brasil onde o PRV mais se expandiu, em muitos outros paises também há experiências exitosas em PRV, como por exemplo em Cuba, onde André Voisin morreu enquanto ministrava um curso, em 1964, e onde está sepultado. O PRV também teve importante impulso nos Estados Unidos, levado pelo Professor Bill Murphy, da Universidade de Vermont, que veio a ter contato com o PRV exatamente no Brasil. Na Argentina, Chile, Nicarágua, Colômbia, Venezuela, Uruguay, Canadá e México tem-se experiências de PRV e/ou profissionais estudando o tema.

Atualmente o PRV, como proposta de manejo do complexo solo-planta-animal, está consagrado. Há inúmeras pesquisas realizadas e publicadas, especialmente no Brasil, Estados Unidos e Cuba, sobre tempos de repouso, altura de corte, efeito do manejo no sistema radicular, qualidade química e biológica de solo de pastagens em PRV, água e sombra no PRV, comportamento de pastoreio, bem-estar, desenho de potreiros, análise econômica, etc... Essas pesquisas resultaram em avanços significativos na proposta tecnológica do PRV. A proposta atual de PRV deve incorporar esses avanços e estar atenta a novos avanços da pesquisa, que certamente virão. Assim, como não existe verdade absoluta, devemos estar sempre abertos e preparados para as novas descobertas da ciência, mesmo (e especialmente) aquelas que contradizem algumas arraigadas convicções que são fruto da “prática”.

Aqui no Brasil, e particularmente em Santa Catarina, o PRV tem se desenvolvido bastante. O Oeste se transformou num verdadeiro laboratório de PRV, com as mais variadas experiências e o maravilhoso trabalho que técnicos da região – de prefeituras, da EPAGRI, microbacias, cooperativas, sindicatos, autônomos - estão fazendo de maneira independente ou em parceria com o Núcleo de PRV da UFSC. Por isso esse Congresso se realiza em Chapecó, e com números impressionantes para um primeiro encontro: 62 trabalhos apresentados, dentre os quais 10 palestras, 23 resumos de pesquisas, 30 relatos de experiência de produtores, a maioria do

Brasil, mas também de Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Estados Unidos, Panamá e Venezuela, e com 600 participantes entre profissionais, estudantes e produtores. O objetivo maior desse evento foi reunir as diferentes experiências e saberes sobre PRV – trabalhos de pesquisa, relatos de experiência, depoimentos de vida. Por isso o nome “Encontro”.

Essa pujança de participação contrasta com as perspectivas sombrias que pairam sob a Agricultura e seus atores. Uma forte tendência de concentração de produção e renda, junto com a especialização tecnológica, tem sido observada em todos os paises e em todas as atividades agrícolas, fruto de um modelo econômico concentrador e excludente. Veja-se o exemplo da bovinocultura de leite, que em todos os países – e especialmente nos que adotaram o confinamento como forma de produção – tem o número de produtores reduzido a cada ano, o custo de produção agravado e a margem de lucro cada vez menor. A continuar essa tendência, com o domínio completo da Agricultura por meia dúzia de corporações, e a Agricultura a serviço dos magníficos lucros das indústrias e dos bancos, teremos a completa exclusão da Agricultura Familiar e demais trabalhadores do campo, uma produção de alimentos industrializada e “biotecnologizada”. Como num filme de ficção científica teremos leite sendo produzido em enormes úberes biotecs em laboratórios, carnes biotecnológicas “tipo picanha”, “tipo T-bone”, etc. Nossos campos serão imensas monoculturas de soja e milho transgênicos. As vacas serão parte do cenário de fazendas de turismo para visitas no fim de semana.

A reversão desse cenário só se dará com a reversão do modelo econômico de exclusão, onde a Agroecologia seja o modelo agrícola de inclusão, de harmonia com a Natureza, enfim, de promoção da vida. Esse Encontro, tendo o PRV como tecnologia agroecológica, coloca seu modesto tijolo na construção da resistência à destruição da vida.

É uma honra, para o Núcleo de PRV da UFSC, organizar um evento dessa importância em conjunto com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a Universidade Comunitária Regional de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Associação das Cooperativas de Produtores de Leite do Oeste Catarinense (ASCOOPER), Instituto Saga e Instituto André Voisin. Para tanto foi fundamental o apoio financeiro que recebemos de diversas entidades listadas nesses Anais, às quais agradecemos. Entretanto, cabe um registro especial ao apoio da Superintendência Federal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Temos a convicção de que estamos fazendo História, e isso fica evidenciado no Encontro de Pinheiro Machado, Nilo Romero e Mário Vincenzi. À eles, e a todos os agricultores “voisinistas”, dedicamos.

Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho

Coordenador Geral